

COMUNIDADE

ANO V VOL. 3 NO. 1 29-6-79 O JORNAL COMUNITARIO PORTUGUES TEL. 532-6067 25¢

"CLEANERS" DO T.D.CENTER EXPULSAM SINDICATO INCOMPETENTE

VER PÁGINAS CENTRAIS

INDUSTRIA DE CONFECÇÕES PROCURA GENTE ESPECIALIZADA

A indústria de bordados de Manitoba necessita com urgência de mil bordadeiras profissionais e não é capaz de encontrá-las. A indústria chegou mesmo a contratar um agente de relações públicas não para vender a sua mercadoria mas sim para atrair operárias.

A indústria de confecções de Winnipeg sempre foi impulsionada pelo trabalho da mulher imigrante. O salário é compensador — uma costureira pode ganhar \$6 horários — e as horas de trabalho são

flexíveis. Com a recente interrupção do fluxo de imigrantes já não existe mais a oferta de mão de obra. As restrições governamentais contra importações e a baixa do dólar canadense fazem com que as importações encareçam e as exportações atraiam os mercados estrangeiros, fazendo aumentar o número de encomendas para Manitoba. As 100 fábricas que empregam cerca de sete mil operárias (11 por cento do total da indústria manufactora da província) têm

imensos pedidos que não podem ser atendidos.

Cerca de 80 por cento da força trabalhadora é constituída por mulheres na grande maioria sindicalizadas. Antigamente, muitas imigrantes recebiam lições de corte e costura em casa. As mulheres canadenses não gostam de costurar e acham que os cursos de aprendizagem dados pelas escolas operadas pelo Manitoba Fashion Institute são muito vagarosos. As mulheres inscrevem-se nos

Cont. na página 2.

UM DIA UM DIA

por MANUEL A. AFONSO

Tudo começou pela manhã quando entrei no "bus", e ao meu lado sentou-se um velho, que devia estar à séculos sem falar com alguém, como se estivesse preso numa ilha distante e deserta, todos esses anos de sua vida. Ele usava um roupão tão velho e gasto que parecia ter nascido dentro dele. A princípio o velhote tentou conversar comigo, mas eu não estava para conversa, e nada fazia pr'a mudar isso. Além do mais, da maneira como o velho falava, obrigava a gente a dizer as coisas duas vezes. Eu nunca vi ninguém mais surdo do que ele em toda a minha vida. Resolvi ignorá-lo por completo, pois, mesmo que eu tentasse, seria difícil conversar com alguém que nada tenho em comum. E não era pela idade dele não, eram os temas: lotaria, futebol, crimes, políticas... oh...

Minhas respostas, monossílabos, eram água pr'a fervura de qualquer investida em manter um diálogo comigo. Menos pr'o velhote. Aliás, ele nem queria saber se eu o ouvia ou não. Tudo o que ele queria era falar. E isso ele sabia fazer. E como.

Cont. na página 3.

MANUEL A. AFONSO, BRASILEIRO, 27 ANOS, SOLTEIRO, ESTUDANTE DE JORNALISMO NO BRASIL, FALTA-LHE UM ANO, MAIS O ESTAGIO PARA O CONCLUIR. ENTRETANTO TEM IDEIAS DE CONCLUIR O SEU CURSO NO CANADÁ.

A MULHER IMIGRANTE NO CANADÁ

Reproduzido do Panorama Canadense de 27 de Abril de 1979 e ligeiramente adaptado.

No Comité Nacional do Estatuto da Mulher, reunido Março passado em Ottawa, Sheila McLeod Arnopoulos falou sobre A Mulher Imigrante no Canadá, rogando às canadenses de classe média que cooperem numa acção para organizar movimentos dedicados a melhorar legislações provinciais e federais que afectam imigrantes.

Cont. na página 2.

JORNAL
do 5^º
ANIVERSÁRIO

FIRST CLASS MAIL

ISSN 0703-9255
PORTUGUESE COMMUNITY NEWSPAPER 625 DUFFERIN ST. TORONTO.

VOCABULÁRIO POLÍTICO

inglês- português

Um dos objectivos mais queridos do Comunidade é o de ajudar a promover o bom uso corrente das línguas Portuguesa e Inglesa por todos nós Canagenses, habitantes de dois mundos culturais quantas vezes em choque um contra o outro. Este vocabulário político, como outros semelhantes que apresentamos sempre que a oportunidade se oferece, é uma pequena achega para esse fim.

Autoritário: Que defende ou exige obediência absoluta às autoridades, em vez de liberdade no pensamento e acção individual.

Conformidade: Adaptação ao sistema ou à opinião prevalente, sacrificando individualismo às convenções.

Conservativo: A favor de manter as condições existentes, as tradições e instituições estabelecidas e promovendo mudanças graduais em vez de súbitas.

Convencional: Que aceita e adere aos usos e costumes gerais.

Iconoclasta: Com tendência a atacar e ridicularizar instituições ou ideias tradicionais ou veneradas, como sendo baseadas em erro ou superstição.

Insurreição: Um levantamento contra a autoridade estabelecida mas menos geral e organizado do que uma rebelião. Ex. A suspeita insurreição do FLQ em Quebec, que conduziu à implementação pelo Governo de Trudeau da Lei das Medidas de Guerra, em 1970.

Esquerda (Esquerdista): Posição radical ou liberal política ou económica, defendendo reformas e mudanças revolucionárias. (O termo deriva da posição dos lugares ocupados por radicais em certas legislaturas europeias). Ex. É considerado esquerdista o que defende desde comunismo até socialismo moderado.

Ala Esquerda: A secção ou facção radical dum partido político. Ex. Os "wafflers" eram membros da ala esquerda do Novo Partido Democrático (NDP).

Liberal: Espírito aberto às ideias que desafiam tradições e instituições estabelecidas, etc.; tolerante acerca de opiniões diferentes das suas.

Militante: Que promove ou defende uma causa com vigor e agressividade. Ex: Um grupo de reformistas militantes.

Violência da população: Força devastadora e ilegal usada pelas massas, colectivamente.

Moderado: Caracterizado pelo desejo de evitar extremos especialmente em opiniões políticas ou religiosas.

Não-conformidade: Comportamento que despreza ou desafia o sistema estabelecido; recusa em sacrificar individualismo às convenções.

Ortodoxo: Conformando-se às crenças gerais ou doutrinas estabelecidas, por exemplo em religião ou política. Ex: Os Judeus ortodoxos cumprem rigorosamente o "Kosher" e o Sabat.

Progressivo: Que favorece progresso e melhoramento através de reforma política, social ou económica, em vez de manter a situação como está. Ex: A educação progressiva (liberal) permite individualismo e estilo próprio.

Protesto: Manifestação de censura ou desacordo contra qualquer coisa que não podemos evitar ou a favor de algo que não podemos conseguir, a qual geralmente toma a forma de uma demonstração. Ex: As marchas de protesto dos estudantes americanos nos anos 60, contra a guerra do Vietnam.

Radical: A favor de mudanças fundamentais ou extremas, na estrutura social, económica ou política.

Reacionário: A favor de voltar atrás, a uma situação anterior ou menos avançada, especialmente em política; da ala direita extremista.

Rebelião: Resistência organizada, armada e aberta contra a autoridade ou governo em poder; quando usada no sentido histórico a palavra geralmente implica derrota. Ex: A Rebelião de Louis Riel.

Levantamento: Um tumulto contra o governo, indicando o começo duma rebelião geral.

Revolta: Rejeição de lealdades estabelecidas ou desobediência às autoridades em poder. Ex: Revolta contra a autoridade paternal.

Revolucionária: A favor de deitar abaixo um governo ou sistema social, geralmente por meios violentos, com outro governo a tomar o lugar.

Direita (da direita): Uma posição reacionária ou conservadora em política ou economia, que favorece a manutenção rígida do "status-quo" (ou seja o estado em que as coisas estão) Ex: Desde capitalismo moderado até ao fascismo.

Ala Direita: A parte mais conservadora ou reacionária dum partido político, grupo, etc... Ex: A ala direita do Sindicato favorece arbitragem obrigatória em vez do direito de fazer greve.

Motim: Uma desordem pública, violenta, por um grupo de pessoas que protestam contra outro grupo, planos ou decisões governamentais, etc. Ex: Os motins desencadeados durante a greve geral de Winnipeg, em 1919.

Sit-in: Forma de protesto em que um grupo de demonstrantes expressa o seu descontentamento, sentando-se em, ou à volta, de certas instalações, edifícios, etc., assim fazendo com que não possam ser utilizados normalmente.

Status-Quo: O estado em que as coisas se encontram numa dada altura. Ex: Embora os trabalhadores requerem melhores condições de trabalho, a administração insistiu em manter o "status-quo" (as coisas na mesma).

Subversivo: Que tenta destruir ou deitar abaixo um governo estabelecido, uma organização ou um sistema. Ex: organizar um sindicato é visto como subversivo numa sociedade totalitária.

Mulheres Imigrantes...

Cont. da página 1.

Arnopoulos trabalhou em fábricas de confecções e tecelagem em 1974 enquanto escrevia uma série de artigos para o Montreal Star, tornando público em primeira mão a degradante condição em que se encontram algumas imigrantes no Canadá. A jornalista acha que a situação poderia ser modificada se os governos provinciais introduzissem leis forçando o respeito a um mínimo de ética profissional nas relações de trabalho entre os patrões e as empregadas, incluindo vultosas multas contra patrões considerados delinquentes.

Na maioria das vezes os sindicatos são fracos demais para lidar com vários problemas. A situação piora com a determinação de alguns patrões de manter os sindicatos fora de suas fábricas, despedindo os militantes e retardando de propósito a expedição de documentos. Os imigrantes que desejam formar um sindicato ou lutar por seus direitos são obrigados a abandonar seus objectivos em vista da grande insegurança em que são obrigados a viver. Sob a nova lei de imigração uma imigrante pode ser deportada se o governo considerar que ela representa um risco para a segurança nacional. Apenas depois de uma espera de três anos ela será capaz de obter cidadania e ficar livre do perigo de deportação.

Outro problema para a mulher imigrante é que ela vive confinada num ambien-

te fechado, incapaz de aprender uma das línguas oficiais do Canadá. O governo recentemente cortou em parte o orçamento destinado ao ensino da língua. Arnopoulos acha que a melhor solução é estabelecer classes de Inglês ou Francês dentro dos locais de trabalho, ideia colocada em prática nas cidades de Toronto e Vancouver com grande sucesso.

É evidente que a classe mais desprotegida são as domésticas. Com a exceção da província da Ilha do Príncipe Eduardo elas não estão protegidas sequer com as leis mais básicas. Várias domésticas chegam ao Canadá com vistos temporários de trabalho sem possibilidades de receberem os benefícios da previdência social. O governo pede às patroas para assinar documentos que determinam certas condições de trabalho. Se elas recusam (Canada Manpower Centre) as domésticas tem o direito de arranjar outro emprego no centro de imigração. Geralmente as domésticas não conhecem os regulamentos e o receio de serem deportadas impede-as de se dirigirem ao centro de imigração em busca de conselhos.

A coordenadora Valerie Packota do Counselling Services do Programa para Mulheres Imigrantes de Rexdale discutiu a ausência de vida social para a mulher imigrante escondida nos subúrbios densamente populados. O programa tem por

Cont. na página 7.

Industria de Confecções

Cont. da página 1.

cursos mas são poucas as que ficam até à última aula.

Norman Stone, presidente de uma fábrica de artigos desportivos analisa a situação com franqueza: "O trabalho está aí para quem quiser trabalhar. Parece que os canadenses pouco se importam com isso. Se é algo que não gostam de fazer, é mais prático receber as pensões de desemprego. Para quê trabalhar se podem ficar em casa sentados a receber o dinheiro pelo correio?"

Outro representante da indústria manufactora afirmou que a falta de pessoal especializado é um problema crónico em toda a América do Norte. "Na América do Norte os jovens, ou pelo menos uma grande maioria deles, ignoram solenemente qualquer tipo de trabalho que envolva horas de treino e que seja manual".

Custa cerca de \$2.000 para treinar uma pessoa. Em vista das desistências tal preço é ainda mais alto. Leva mais de meio ano de treino para uma pessoa ser capaz de começar a trabalhar. As mulheres canadenses levam mais tempo porque jamais aprenderam a costurar em casa.

No ano passado Manitoba vendeu \$225 milhões de mercadorias para outras províncias. Em 1979 esse número deverá chegar a \$250 milhões. Entretanto, o número seria maior ainda se a indústria fosse capaz de encontrar mão de obra especializada. Apesar da propaganda, da ajuda do governo e dos sindicatos e das escolas de treinamento a carência continua. Isso indica que passamos uma época difícil, mas não tão difícil que os canadenses sejam obrigados a trabalhar contra vontade.

Cont. na página 6.

COMUNIDADE

Publisher DOMINGOS MARQUES

Editor FERNANDA GASPAR

Layout MANUEL COUTO

Typesetting MARIA SERRANO

Photo-Graphics GIL PRIOSTE

Columnists GLORIA MATOS
CLARA NICKEL

PUBLISHED BY

Marquis Printers and Publishers Inc.

625 Dufferin St., Toronto, Canada M6K 2B2

Telephone - (416) 532-6067

DESEJO SER ASSINANTE DO JORNAL

Para receber o jornal em sua casa recorte e envie este cupão devidamente preenchido

Nome.....

Morada.....

Postal Code..... Tel.....

☐ ASSINATURA DE 6 MESES \$ 5.00

☐ ASSINATURA ANUAL \$ 10.00

Pagamento ao Comunidade
625 Dufferin St. Toronto, Ontario M6K 2B2

EDITORIAL



As comemorações do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas de ano para ano ganham mais significado. (O içar da bandeira no City Hall, por exemplo, quando as vozes se ergueram espontaneamente a acompanhar a música da Portuguesa teve uma dignidade simples e directa que soube mesmo bem). E assim deve ser. Servem para medir o caminho percorrido como testemunho passado de mão em mão a caminho da meta. E servem para compreender melhor e manter mais vivo o elo entre o que somos e donde viemos. Porque não há frutos são sem raízes fortes.

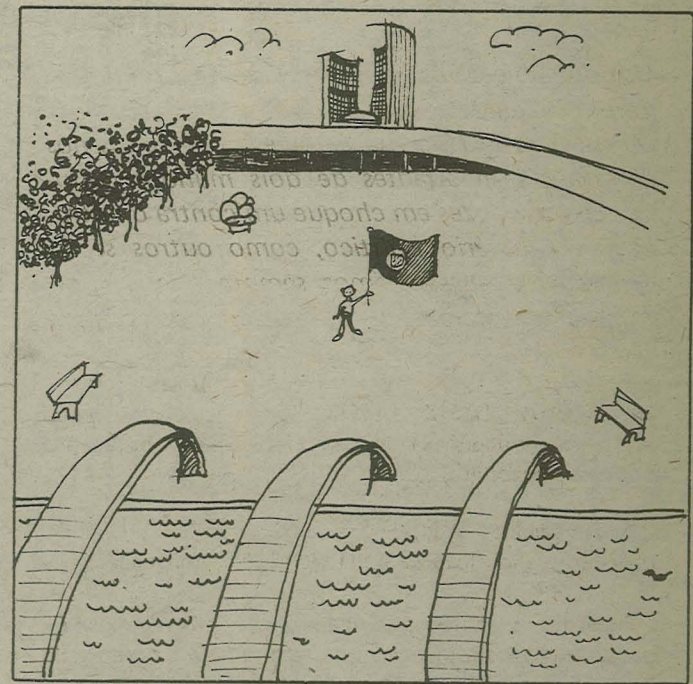
Contudo, se os frutos que vão nascendo podem vir de raízes atlânticas é do solo nórdico que se nutrem e amadurecem. É aqui e agora que vivemos, que construímos um nicho à nossa medida, que lutamos para influenciar a sociedade na proporção do que lhe damos — é o que somos aqui e agora, que devemos comemorar.

Camões, sim. Porque o esplendor da sua voz e a riqueza do seu humanismo ajudam sempre a viver melhor. Mas Camões apenas e "ad nauseam" — não. Mas continuar a navegar as águas dos descobrimentos — não. Mas continuar a equivaler-nos com patriotismo e saudosismo — não.

Que Portugal gaste milhões, cobrindo os seus filhos espalhados pelo mundo de cartazes, jornais, revistas, prémios, visitas, foguetes e fogaças, promovendo o amor pátrio, compreende-se — por cada escudo gasto entra um dólar, um franco ou um marco. Mas os problemas de

Portugal são para os que lá estão olharem de frente e resolverem e as coroas de louros, se as houver, devem enfeitar as fronteiras dos que fincaram o pé no chão e lá permaneceram a ver da escuridão nascer a luz. Os nossos louros têm de ser ganhos e dados aqui, entre nós e os outros grupos todos que são nossos irmãos de luta e recompensa. Usemos estas comemorações para festejar donde viemos pois só compreendendo a nossa herança podemos compreender e respeitar a dos outros e ser por eles compreendidos e respeitados. Mas usemo-las como um olhar para a frente, não para trás.

A nossa língua, como a falamos hoje, nasceu com Camões mas não morreu com ele... Há Migueis Torgas e Sofias Andersens e Manueis Alegres que falam melhor dos anseios e glórias do homem contemporâneo português. Por todo o Canadá, nas fábricas, nos campos, nas minas, nas universidades, sobre as ondas de costa a costa, para cada lusiada há um canaguês, cujos quotidianos nada têm a ver com o construir e destruir impérios nem com o viver num jardim à beira mar plantado... Para eles Camões e Portugal e os Açores e a Madeira e a Lusitanidade (seja isso lá o que for...) são meios, já não são fins. Os portugueses aqui não são transientes como sucede em outros centros mundiais, são "settlers", com etiquetas que dizem "permanente". As comemorações devem reflectir esta realidade e não insistir em conceitos já rançosos em Portugal quanto mais aqui.



UM DIA UM DIA U

Cont. da página 1.

Às vezes, cansado do seu monólogo, o velho mudava de assunto, como quem está lendo uma coisa e passa a ler outra completamente diferente. Ele sabia ser chato. É o tipo de sujeito que nunca deixa saudades quando vai embora. E como falava alto. Credo. Ele conversava comigo como quem estivesse discursando numa praça pública. O velho é dessas pessoas que precisam gritar para provar sua própria existência. Todos os presentes na condução, o ouviam, embora ele dirigisse as suas palavras apenas a mim.

Não sei se por alergia a esse tipo de coisa, eu senti uma vontade tremenda de espirrar. Eu tenho um espirro imbecil, alto p'ra burro, e, sempre acompanhado de uma assoada também muito alta. Fecho os olhos, enrugo a testa e dou o mais escandaloso espirro existente na face da terra. Depois cubro o meu nariz com o lenço, que sempre trago comigo, e com todas as forças dos meus pulmões, faço sair das minhas narinas um som xôxo, horrível, esguçado... O barulho que fiz, assustou o velho e o fez calar. Mas certificando que nada havia de errado comigo, ele voltou às suas abstrações. Como eu gostaria de dar um berro e mandar o velho calar-se, mas não consigo ser tão mal educado assim. Que fazer? Felizmente o meu ponto de parada não estava tão longe e logo eu iria descer do "bus". Ainda bem. Acho que se ficasse um dia inteiro ouvindo uma pessoa como esse velhote, eu acabaria odiando todo o mundo existente no planeta.

Bem, finalmente o onibus chegou ao centro da cidade, no lugar onde eu iria descer. Levantei-me do assento desejando uma boa viagem ao velho, ao mesmo tempo dei um

suspiro, aliviado por ficar livre dele. Fora do onibus eu me senti um homem livre, feliz até, por não ter que ouvir tanta baboseira. Quando a condução partiu, eu ainda pude ver um outro rapaz sentar-se ao lado do homem velho. E eu pensei — "Lá se vai outro vítima..."

Bem, cá estou no centro da cidade. As ruas comportam um frenético desfile de pessoas — gente subindo, gente descendo, atravessando as ruas... O tumulto progressista acentua-me a fluema. Eu não tenho nenhum compromisso com essa agitação, embora esteja vivendo no meio dela. Há um desfile de gravatas e valises por todo o canto. Acenar para taxis e onibus, consultas nervosas ao relógio. Venho à cidade porque gosto de ser espectador desse movimento de pessoas, de me ver refletido nas vitrines das lojas — não que esse mundo policrômico me desperte a necessidade de comprar... As vitrines... A propaganda é um fomentador de neuroses. Alugue um carro. Compre hoje pela metade do preço. Sensacional liquidação. Grande queima de estoque. Se ainda não tem barbeador tal, V. está fora de moda... E, sou uma plateia para essa representação da vida. Mas hoje não. Hoje eu gostaria de estar só. Gostaria de estar num lugar cinco anos-luz longe daqui. Talvez até na suposta ilha que o velho do onibus estivesse... E quanto mais eu penso nisso, mais aumenta a multidão ao meu redor. E no meio dessa multidão, eu reconheço Paulo, companheiro de trabalho. Paulo tem tantos pontos em comum comigo, que ao olhar para ele eu me sinto como se estivesse olhando para um espelho. Mas como Paulo não me vê, e nada tenho a lhe dizer, não faço o menor gesto para detê-lo. Hoje eu quero realmente ficar só comigo mesmo. Há dias em que eu me sinto assim, como quem sente falta de alguém ou de alguma coisa, sei lá.

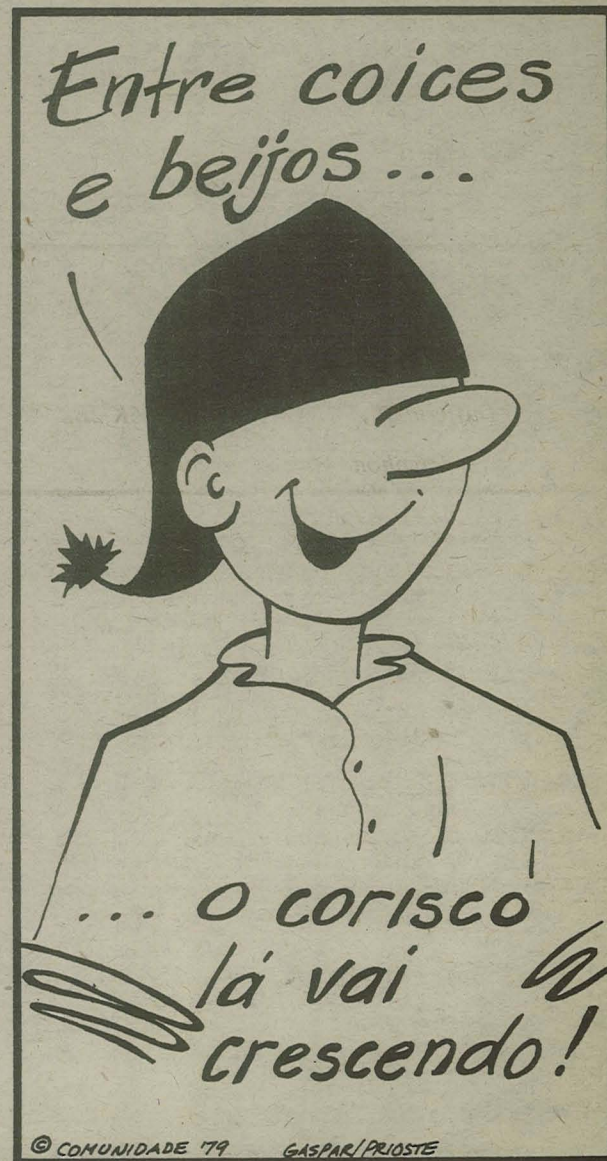
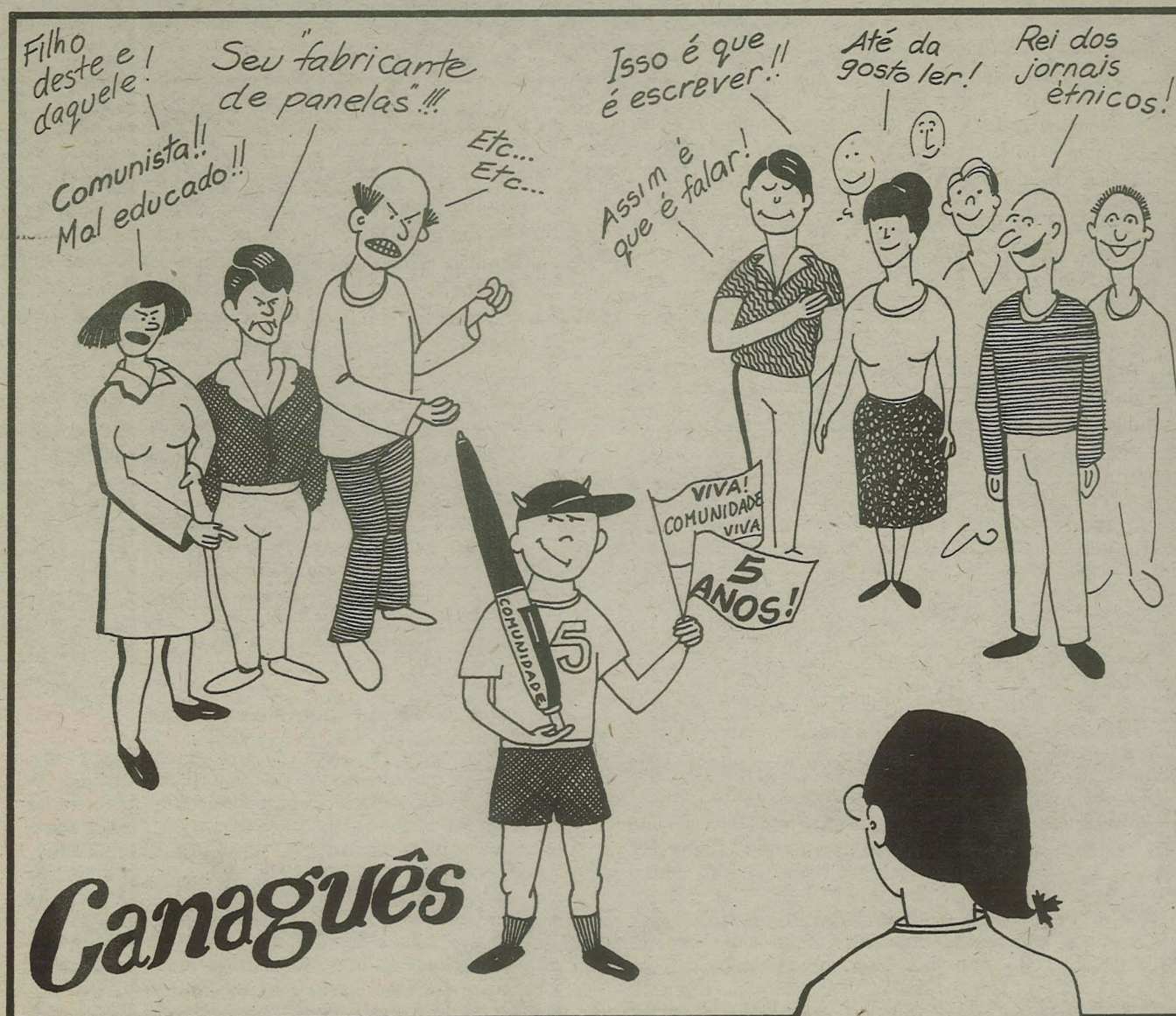
No meu caminho alguém pesquisa sobre T.V. e me indaga. Não adianta, não vou colaborar com pesquisa de audiência, pois não prefiro programa algum. Nem mesmo quero saber quem é o escritor ou o pintor da moda; e não

me falem desse autor teatral porque não vou ver a peça dele. Até os jornais me cansam — FNLA, OEA, OMS, OTAN, ALALC, UPI... Baaa. Eu quero estar só. I want to be alone.

Enquanto vou andando, uma Igreja surge em minha frente, como se brotasse do chão nesse momento. Entro dentro dela e deixo todos os meus pensamentos do lado de fora. Eu nunca havia entrado numa Igreja antes. E essa, onde me encontro, é um bocado bonita. Fico observando tudo ali dentro. Nada escapa à minha curiosidade. Engulo tudo com os olhos. Que beleza. Deus deve sentir-se um bocado orgulhoso dessa Igreja. Eu sinto que aqui dentro há um outro mundo, bem diferente daquele lá fora. Resolvi demorar-me mais tempo ali. Sentei-me. Procurei um banco bem próximo à imagem de Cristo. Olhei para o Senhor em sua posição habitual na cruz e senti-me triste por Ele. Achei-o triste, cansado, abatido... Cheguei até a pensar que aquela expressão fosse devido à minha presença ali. Bem, o Cristo que me desculpasse, mas eu queria conhecê-lo de perto, conversar com Ele. Então comecei a falar. Não palavras de oração, essas tantas que tantos dizem sem pensar no que dizem. Mas palavras que saiam de dentro de mim. Palavras que não passam por um corredor de pensamentos, mas que vinham do meu interior, jorrando pela minha boca. Fui pondo p'ra fora tudo aquilo que brotava na minha mente. O Cristo que me desculpasse mas eu tinha necessidade de falar... E eu sentia um certo interesse Dele, em me ouvir. E isso me dava uma paz tremenda.

Bem, eu não sei quanto tempo fiquei ali sentado, falando com o Senhor, que a tudo me ouvia; mas creio que tinha passado um bom par de horas, pois eu já sentia uma dor nas costas, devido à posição em que eu me sentara naquele banco duro, de madeira. Resolvi ir embora, não sem antes prometer que voltaria mais vezes aquele local. Enquanto

Cont. na página 8.



PORTUGUESES DÃO LIÇÃO MESTRA DE SINDICATO

Muitas vezes é difícil organizar um Sindicato e muito se tem escrito acerca da luta dos trabalhadores para exercerem o seu direito legal de ser representados e defendidos pelo Sindicato da sua escolha. No entanto, pouco se tem dito sobre o que sucede se o Sindicato falha em representar competentemente os seus membros. O processo de expulsar um Sindicato é ainda mais difícil do que o de entrar para um. Poucos trabalhadores se atrevem a tentar e tais tentativas nem sempre sucedem.

A lei que regula os assuntos entre os operários e os seus Sindicatos é "Ontario Labour Relations Act" (Lei das Relações Laborais de Ontário) e é administrado pelo "Ontario Labour Relation Board" (ou LRB) (Comissão das Relações Laborais de Ontário), um departamento do Ministério do trabalho de Ontário, situado na 400 University Ave, no 4o. andar. Esta lei estipula que para expulsar um Sindicato é preciso que pelo menos 45 por cento dos membros assinem uma petição para esse efeito, depois do que o LRB conduzirá um voto, legal e secreto, pelo que se apurará se a maioria de facto quer expulsar o Sindicato. Se a maioria dos membros vota pela expulsão o LRB confirma o facto oficialmente e os trabalhadores ficam livres de escolher outro sindicato que melhor os possa servir.

Não parece assim tão difícil. Mas, como sempre, a lei escrita é apenas metade da história. É preciso tomar em consideração a parte mais tortuosa: o medo e a falta de organização dos trabalhadores, advogados

em 1967, o contrato para a limpeza do prédio para a companhia "Modern Building Cleaning" e a grande maioria dos trabalhadores empregados foi desde logo portugueses, nessa altura quase todos imigrantes recentes, poucos falando algum Inglês. A união "Service Employees International Union" entrou logo como representante dos trabalhadores. E foi ficando. Os outros dois prédios acabaram-se nos anos a seguir, mais trabalhadores foram empregados, mais entraram para o sindicato até serem cerca de 330, possivelmente o maior Local de "cleaners" no Canadá. Trezentas mulheres e homens, apenas uma meia dúzia não portuguesas, poucos falando bem inglês, rodeados por colegas e chefes todos portugueses, mal sabendo do que se passava fora do seu meio, um ghetto autêntico. Dependentes da união. Durante 12 anos. Mas não tão dependentes como a união pensava...

O descontentamento com a União já vinha de há muito e era mais ou menos geral. As quotas já estavam em \$9 e \$8 mensais e a união começava a falar em aumentá-las. E para quê? Um novo contrato assinava-se de dois em dois anos, os ordenados subiam um pouco mas continuavam a ser dos mais baixos entre companhias sindicalizadas, e nada mais acontecia. Doze anos. E nem uma tentativa de por exemplo dar aulas de Inglês no trabalho, nem uma tentativa de dar às mulheres a oportunidade de saírem das classificações mais baixas, ninguém da união que falasse português para atender os milhares de membros portugueses que não falam

para nunca mais encontrarem outro. E a ajuda da união? Nada.

Os trabalhadores então formam uma Comissão de representantes (formada por cerca de dez Delegados) e começam a tratar do problema seriamente. Encontram-se com o Presidente, Vice-Presidente, etc... responsáveis pela união em Toronto (a SEIU é baseada nos Estados Unidos, o Local em Toronto é o Local 204) e exigem um novo representante para substituir Jo Jordan. Veio outro, (Mr. Hamuluk) mas ainda era pior. Mais reuniões. Mais pedidos dos trabalhadores. Mais promessas da União.

Logo a seguir um certo trabalhador, João Francês, entra para a Comissão. Tem apenas 16 anos, nenhuma experiência mas fala fluentemente o Inglês, vai ser útil à Comissão. A Companhia dá-lhe um lugar como chefe (supervisor) e assim ele fica automaticamente fora da união e da Comissão. Menos um perigo contra a união e a companhia. Mas o João não se aguenta com o trabalho de chefe. É transferido para outro sítio. Como é natural, aí também não consegue dar conta do lugar. É despedido. Aos trabalhadores é claro como água que ele foi vítima do seu interesse na Comissão, na acção sindical. Querem que a união faça uma queixa contra a companhia por discriminação por causa de actividades sindicais. A união promete, promete, mas não mexe um dedo. O tempo passa.

Súbitamente, certos trabalhadores da noite são apanhados à saída, revistados e apalpadados por guardas de



De pé, da esquerda para a direita: Fernando Rebelo, Luis Ponte, António Machado, Maria Lopes, Tony Medeiros. Sentados: Fernando Sobral, João de Sousa, Helen Brown (C.U.P.E. Rep), e Mário Casalini.

incompetentes ou desinteressados que pouco ajudam, interesse das companhias em manter sindicatos impotentes, e a força e poder dos sindicatos mesmos que assim que se vêm em perigo chamam os melhores advogados, tentam dividir os operários, etc. Não, não é fácil.

Mas às vezes, um grupo toma a dianteira, vence todas as barreiras e dá uma lição mestra às uniões desinteressadas e um exemplo a todos os trabalhadores. Assim, fizeram recentemente os portugueses trabalhadores da limpeza do TDC (Toronto Dominion Centre), o conjunto dos três arranha-céus nas ruas Bay e King, popularmente conhecidos pelos "Buildings pretos". Sim senhor: uma lição mestra.

A imprensa, rádio, etc... canadiana ignoraram o acontecimento completamente. Se fosse um "étnico" a cometer um crime ou a morrer de fome não faltariam artigos, mas trabalhadores humildes a conseguir uma grande vitória, resultado de esforço, união e inteligência... nada. Que saibamos, apenas outro jornal comunitário, "Cleaners Action", noticiou o acontecimento. É por isso que a imprensa séria étnica existe e é necessária e é a nós que compete dar uma impressão justa e equilibrada das nossas comunidades. Encontrámo-nos com um grupo de trabalhadores e aqui está o que apurámos.

História da União S.E.I.U no T.D.C.

Quando o primeiro prédio foi acabado de construir

Inglês. (A SEIU representa muitos outros portugueses trabalhadores de limpeza através de Toronto e Ontário), nem uma tentativa para defender os trabalhadores contra a estupidez e injustiça dos "managers", portugueses também, que não percebem que trabalhadores sindicalizados têm direitos legais que nada pode tirar. Um desinteresse profundo da união que pouco a pouco os membros foram percebendo claramente. Depois, aconteceram certos acidentes que cristalizaram o descontentamento geral.

O que levou à expulsão

Há coisa dum ano entrou um novo gerente para o turno da noite, um tal António Medeiros que os trabalhadores achavam uma desgraça. O outro gerente, o Sr. Simas, já era uma desgraça há muito tempo. Dentro dumas semanas eles começaram a despedir os trabalhadores mais idosos da maneira mais traiçoeira: davam-lhes os trabalhos mais pesados e depois despediam-nos por eles não terem força para fazê-los; ou mudavam-nos de trás para diante, de noite para dia, até eles de aborrecerem e se irem embora. Os trabalhadores falaram à união, que prometeu, mas nada fez. Nem assinou queixas (grievances) que podiam ser levadas a arbitragem, nem os aconselhou sequer a levantar um processo na Comissão dos Direitos Humanos por discriminação por causa da idade. Assim, dez ou doze trabalhadores de cerca de 60 anos perderam o seu trabalho de muitos anos talvez

segurança e suspeitos de terem roubado certas lojas no complexo comercial. Nada se encontra, nenhum é culpado. Mas é tudo feito à bruta, estupidamente, uma das trabalhadoras apanha um choque tal que tem de ser hospitalizada. Os trabalhadores pedem uma investigação completa pois só encontrando os culpados a sua reputação será limpa. Só três ou quatro trabalhadores e 1 ou 2 chefes têm as chaves das lojas roubadas, as entradas e saídas estão marcadas, é portanto possível pôr tudo a limpo. Mas a companhia recusa, a união perde tempo. A comissão exige acção. A união recusa, diz que só os trabalhadores mesmos é que podem arranjar um advogado e levar o caso para a frente. E eles arranjam mesmo um advogado.

Advogado excelente aponta o caminho

Alguém sugere o nome do advogado James Fyshe. A comissão consulta-o. Ele analisa a situação, aconselha que o melhor é esquecer o passado e tratar de melhorar o futuro. Apresenta soluções, alternativas, explica como se expulsa uma união má e se arranja outra melhor. Estão em Novembro de 1978, o contrato colectivo em curso é válido até Fevereiro de 1979. A acção para expulsar uma união só pode ser começada dentro dos últimos dois meses de vida do contrato. A ocasião é propícia. O advogado Fyshe revela-se o melhor dos conselheiros e amigos. Passo a passo acompanhará os trabalhadores até à vitória final.

TRÊS MEMBROS DA COMISSÃO

SINDICALISMO

por FERNANDA GASPAR

A Comissão de trabalhadores faz uma reunião com todos os membros onde expõe a situação e recomenda a expulsão da União.

Segunda reunião. O advogado Fyshe explica o processo todo. Preparam um abaixo assinado pedindo a expulsão da união. Por lei é preciso que pelo menos 45 por cento dos membros assinem, para que o LRB tire um voto definitivo. Embora seja uma noite de tempestade e neve, 93.5 por cento do total dos trabalhadores aparecem. Todos assinam a petição.

Comissão e advogado vão ao LRB entregar o abaixo assinado e assinar os documentos pedindo que a União seja expulsa.

A união protesta. Diz que o pedido da Comissão não representa a vontade geral.

Reunião no LRB para os "juizes" (Oficiais do LRB) ouvirem os trabalhadores e a união defenderem as suas posições. A união tem dois advogados (para defender os membros nunca tinha havido advogados...), o Mr. Fyshe está com a Comissão. A união insiste que a Comissão não representa as opiniões dos trabalhadores, que é apenas a voz duma minoria mais esclarecida. A Comissão descreve o desinteresse da união, o descontentamento geral. Trabalhadores — testemunhas declararam que assinaram a petição de livre vontade e que não houve interferência da companhia.

Outra reunião no LRB. Desta vez à porta fechada só com os advogados e o Chief Steward. Os oficiais do LRB ouvem os argumentos dos advogados e reservam julgamento.

LRB decide que os trabalhadores têm direito a votar sobre o assunto.

1 de Maio de 1979. Dois oficiais do LRB vem ao local de trabalho, trazem os votos, as caixas do voto, um intérprete, tomam conta de tudo. O voto é secreto e individual. A contagem é feita ali mesmo, na presença da união e da comissão. 294 votos contra a união, 12 a favor (é de notar que cerca de 8 dos votantes eram "floorladies" que embora sejam membros da união são chefes e portanto são um pouco parte da administração da companhia). A união é expulsa.

Passa o prazo legal de dez dias, em caso de reclamações. O LRB envia o certificado confirmando que a SEIU perdeu todos os direitos de representar os trabalhadores.

Entra a nova união

Ao mesmo tempo que começava o processo para a expulsão, a Comissão começara a procurar qual a união que pudesse ser a mais conveniente para os representar. Depois de muitas buscas, conversas, leituras, etc... decidiram pela C.U.P.E. (Canadian Union of Public Employees), um dos maiores sindicatos canadianos, (o SEIU era Americano) com vasta experiência no ramo de trabalhadores de limpeza e com boa reputação na defesa dos seus membros.

A Comissão apresenta a sua escolha aos trabalhadores que a aprovam. Contactam a CUPE oficialmente. Esperam pelo voto final, que expulsa a SEIU claramente. A votação é no dia 1 de Maio; 24 horas mais tarde há uma reunião já com a CUPE para assinar os cartões de membro. Todos os presentes assinam e uns dias mais tarde numa segunda reunião assinam os restantes trabalhadores. A maioria de assinaturas é óbvia. A CUPE entrega os cartões no LRB requerendo a certificação oficial. Assim que os trabalhadores começam a assinar os cartões a nova união já tem direito de defender os trabalhadores. Quer dizer: como resultado duma organização magistral os operários só estiveram sem união um dia. É claro que este período entre uniões é o perigo maior em qualquer processo para expulsar uma união, entre a velha e a nova as companhias podem tentar aproveitar para despedir os mais combativos. Mas neste caso tudo tinha sido previsto pela Comissão e pelo advogado, que não deixaram nenhuma porta abertas por onde a injustiça e exploração pudesse mais uma vez entrar.

A Companhia de resto cedo percebeu que estava agora a tratar com um grupo de trabalhadores instruídos, dedicados a resolver os problemas e competentemente apoiados no campo legal. Depois do voto final o Presidente da companhia escreveu uma carta à Comissão a felicitar os trabalhadores pela maneira ordeira como a transição se tinha dado e a prometer colaboração. Ultimamente a comissão comunica directamente com o Presidente para problemas maiores assim ignorando uma administração (management) que há muito perdeu o respeito dos trabalhadores.

Negociações para um novo contracto.

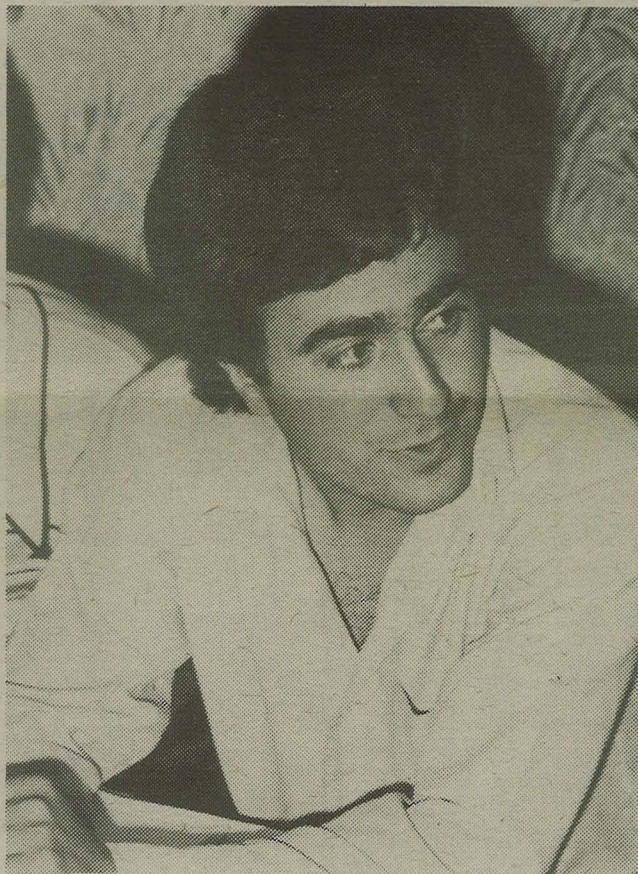
Cheia de confiança embora consciente de que a luta ainda agora começou seriamente, apoiada e respeitada totalmente pelo resto dos trabalhadores, a comissão está presentemente a tratar do novo contracto pois o anterior caducou em Fevereiro. Os trabalhadores falam com os delegados, os delegados com a comissão, melhor ainda — são a comissão. Assim preparam as exigências que a CUPE ajudará a concretizar.

O trabalho e a luta são permanentes.

Mas o pior já passou e o sabor da vitória dá-lhes coragem para construir um futuro cada vez melhor. Bem o merecem.



MARIA LOPES: "Ó querida... aquela união era como um poço sem fundo. Tudo que para lá ia, morria..."



JOÃO DE SOUSA: "Com uma união canadiana... quem mandará seremos nós, dentro do nosso Local."



MÁRIO CASALINI: "O pessoal agora tem confiança em nós. Até a companhia já nos trata doutra maneira..."

Maria do Rosário Lopes

Nasceu em S. Miguel. Tem 43 anos, casada, com tres filhos. Veio para o Canadá há 16 anos e há 10 que trabalha no TDC. Há dois anos que é delegada sindical pelo turno da noite. É chamada "Maria da Fonte" pelos seus colegas, devido ao seu espírito combativo. Disse-nos:

"Ó querida, aquela união era como um poço sem fundo... tudo que a gente para lá mandava morria. As outras mulheres vinham para mim com queixas eu levava-as à União e... nada. As outras pediam-me informações ou o que fosse eu perguntava à União... nada. Só sabiam dizer é que não estava no contracto, que o contracto não cobria aquele género de coisas, que o contracto era fraco... mas eles nunca tentavam melhorar o contracto. Foi preciso muita coragem para a gente fazer o que fez, olhe

que eu até levei muito abanão, muito beliscão de mulheres a quererem que eu desistisse. Mas eu com a minha genica lá as aturava. Tinham medo, diziam, esta união é má mas são todas assim... a gente não consegue nada, a gente não pode vencer essa gente tão importante. Depois pouco a pouco foi-lhes dando coragem e agora estão todas felizes. Mas aqueles buildings é que é trabalho... trabalho e mais trabalho e mais trabalho, só mesmos os portugueses é que aguentam; vêm outras, Gregas, Canadianas, vão-se logo embora. Dizem que é demais, depois não têm ninguém com quem falar, a gente só fala português. Amiga traz amiga, trazemos a família... é tudo português. Eu cá nem sei se é bom se é mau — as vezes apetecia conhecer outras gentes..."

João de Sousa

Chefe dos Delegados. Tem 26 anos e veio para o Canadá com 12 anos, de S. Miguel. Acabou o grau 10 e foi logo trabalhar para a MBC no TDC. Tinha 16 anos. Hoje, passados dez anos é lavador de janelas e ganha \$5.55/hora.

Desde há cerca de sete anos que é delegado e desde há cinco que é "Chief Steward" (Delegado-Chefe). Foi uma das forças básicas dos acontecimentos. É um homem inteligente, calmo e amável mas cuja paixão se presente à flor da pele. Diz-nos:

"Com uma união canadiana estaremos muito melhor. Teremos o nosso Local, com Presidente, Vice-Presidente e Tesoureiro. Parte do dinheiro das nossas quotas ficará para nós e poderemos utilizá-lo como achamos melhor: para informação e educação dos membros, para ajudar outros trabalhadores por exemplo em greve, etc. Se-

remos responsáveis por nós mesmos e será mais fácil pôr pressão sobre a união para fazerem o que quisermos. A SEIU, por exemplo, recusou sempre empregar um representante que falasse português. A gente pedia, a Comissão administrativa deles, os empregados do SEIU Local 204, é que decidiam: sempre não.

Diziam sempre que não podiam ter um representante para cada grupo de fala diferente, mas a verdade é que os portugueses são a maioria dos seus membros, a maioria de "cleaners", portanto justifica-se uma excepção. Numa união internacional o dinheiro sai para fora do país e o Local obedece a ordens que muitas vezes não tomam em consideração as necessidades dos trabalhadores locais. É com isso tudo que acabámos duma vez. Agora quem mandará seremos nós, dentro do local".

Mário Casalini

Delegado sindical. Tem 37 anos e veio para o Canadá há quatro anos, de Lisboa onde era empregado de escritório. Há dois anos que está a trabalhar no TDC e é lavador de janelas. Sindicalista desde há muitos anos é um homem interessado no que faz, com a clara convicção de que qualquer movimento precisa de chefes dedicados e com bom entendimento da situação. Diz-nos:

"O que nós trabalhámos... mas valeu a pena. Sabíamos que era preciso ter a confiança de todos. Por isso

cumprimos à risca tudo o que prometemos, explicámos tudo, publicamos panfletos atrás de panfletos. O pessoal tinha medo de ficar sem união durante uns tempos, podiam ser despedidos... nós prometemos que era uma união a sair, outra a entrar. Pois a União velha ficou expulsa no dia 1 de Maio e no dia 3 já os cartões de membros estavam assinados com a nova. O pessoal viu que sabíamos o que estávamos a fazer. Agora têm confiança em nós. Até a companhia já nos trata doutra maneira..."

ADVOGADO James Fyshe

"FIQUEI COM IMENSO RESPEITO POR TODOS ELES"

O advogado do caso foi James Fyshe da firma "Martin, Kainer e Fyshe", 113 Davenport, 960-1071. Quisemos saber as impressões dele sobre o caso. Aqui estão.

"Sobre o ponto de vista

legal o caso não é extraordinário mas é significativo e de grande importância porque se trata de um grupo de imigrantes, muitos sem falarem Inglês, relativamente recentes no Canadá.

Cont. página 7.

COMUNICOISAS

PARKDALE FAZ 100 ANOS

De Junho 10 a 17 comemorou-se o centenário do bairro "Parkdale" em Toronto aonde muitos portugueses vivem. O Mayor Sewell inaugurou o festival comemorativo no dia 16, que teve lugar à esquina das ruas Cowan e Queen, com manifestações culturais, baile popular e mercado ao ar livre. Parkdale é uma das áreas mais antigas e interessantes da cidade e merece atenção e interesse.

HABITAÇÃO PARA PORTUGUESES IDOSOS

Uma comissão está presentemente a trabalhar num projecto que levará à criação de uma "Casa de Repouso", ou seja de habitação especial para a terceira idade, na comunidade portuguesa. A comissão pode ser contactada através de: Maria Melo, P.O. Box 72, Adelaide St. Post Office, Toronto, 225-2117.

CURSOS DE INGLÊS GRÁTIS

Na Dewson St. Public School (65 Concord Ave., (Ossington/College), de 3 de Julho a 31 de Agosto, das 10 às 12. Tomarão conta dos filhos dos alunos. Informações: Ana ou Fátima: 532-1166.

VOCABULÁRIO POLÍTICO

Cont da página 2.

Terrorismo: Uma maneira de governar ou resistir a um governo, usando força e intimidação como meios para atingir os fins desejados. Ex: O terrorismo do FLQ (Federação para a Libertação do Quebec) em 1970.

Totalitário Característica dum sistema no qual um grupo mantém control absoluto, através duma ditadura, e proíbe todos os outros grupos políticos. Sinónimos: tirânico, despótico; autocrático; absolutista.

O "Establishment" (O Sistema): Termo frequentemente usado numa maneira derogatória (insultante) quando aplicado ao control das instituições pela burguesia, com a correspondente aderência rígida às convenções.

Texto inglês: Manitoba Human Rights Commission
Tradução: Fernanda Gaspar

INAUGURAÇÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO, SCADDING COURT.

Depois de dez anos de muito trabalho, muitas conferências e debates, os membros da comunidade da área da Bathurst e Dundas conseguiram obter um novo centro comunitário que se chama Scadding Court.

Este centro, que abriu oficialmente no dia 17 de Junho é localizado na Dundas e Bathurst e possui uma piscina, um ginásio, salas de conferências e artes e também está ligado à biblioteca Sanderson.

As actividades do centro são dirigidas pelos Directores Executivos eleitos pela comunidade.

Espera-se que através do Scadding Court, a comunidade tenha todo o controle possível sobre os programas sociais, educativos e recreativos para esta área.

Para mais informações podem telefonar CHRIS BALDWIN (364-8456) ou ALAN POWELL (363-5392)

CASA DE CRIANÇAS

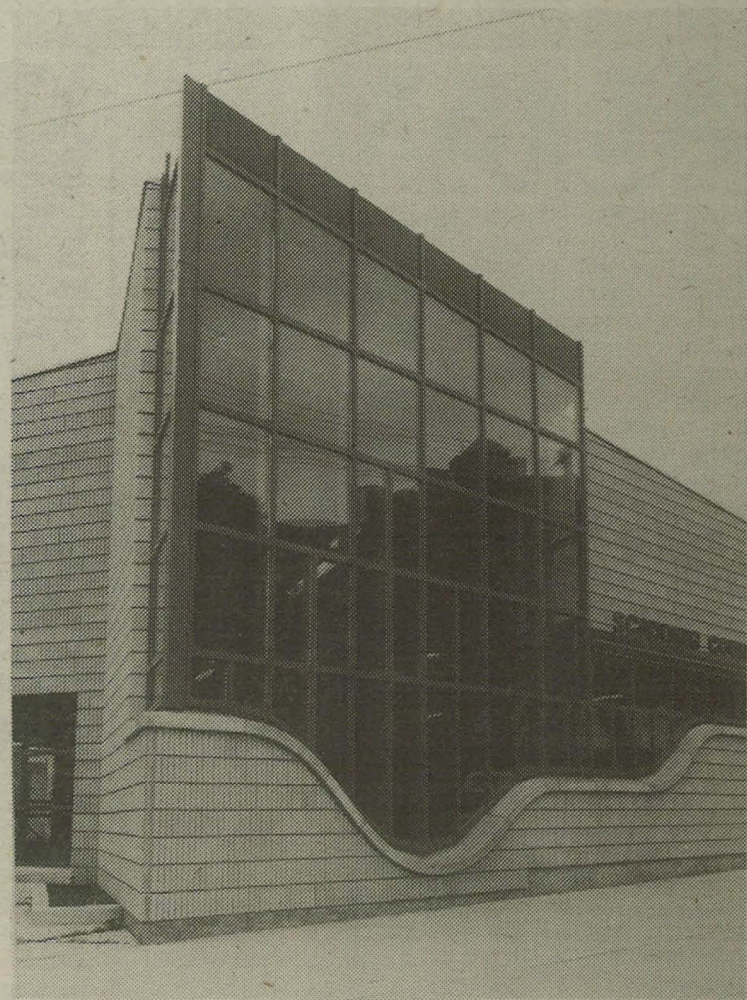
O West End YMCA, na College e Dovercourt, vai abrir no dia 4 de Setembro uma CASA DE CRIANÇAS baseada nos princípios de educação da Dra. Maria Montessori.

As crianças que frequentarão esta casa devem ter idades entre 2 anos e meio e 3 anos e meio.

A educação oferecida pela CASA DAS CRIANÇAS inclui cuidado infantil por directoras treinadas no método Montessori, instrução de língua, matemática, base de cultura, respeito pelo ambiente, comportamento social, hábitos de trabalho e independência, auto-disciplina e boas maneiras.

As crianças que passam por este programa estarão melhor preparadas para atingir sucesso em todos os aspectos da sua educação futura. Entre muitas outras vantagens, elas entrarão na escola elementar já a falar, escrever e ler Inglês correctamente.

Para mais informações telefone para João Medeiros 536-1166.



Scadding Court.

A MULHER IMIGRANTE

Cont. da Página 2.

objectivo aliviar a solidão, desenvolver o sentido de iniciativa e treinar voluntários para formarem grupos de auxílio e criar modelos que serão mais tarde utilizados em outras comunidades.

O "Counselling Services"

recomenda várias acções: a produção de panfletos em linguagem simples que expliquem os regulamentos de deportação e de imigração às pessoas

; a exigência de que as conselheiras que guiam as imigrantes estejam a par dos

meandros da lei de imigração.

As cópias sobre o trabalho apresentado por Sheila Arnopoulos intitulado "Problems of Immigrant Women in the Canadian Labour Force" contêm as partes mais

controversas sobre a nova lei de imigração. Quem quiser ler este trabalho poderá obter cópias gratuitas escrevendo em francês ou inglês para: Canadian Advisory Council of the Status of Women, Box 1541, Station B, Ottawa K1P 5R5.

APONTAMENTOS DE TORONTO

The Fish Sonata



Na Dupont Street havia uma loja de pianos com a fachada a condizer. Depois... uma peixaria tomou posse da loja e eu inventei-me um nome que seria original e evitaria rededicações: The Fish Sonata.

Os proprietários, porém, foram mais realistas. Passados dias cobriram o teclado com um grande letreiro com o nome deles e depois o vidro da montra rachou-se e apareceu massa de vidraceiro a segurá-la. Enfim, o efeito musical todo estragado. Ficou esta recordação.

A COMPRA OU VENDA DE UM CARRO NÃO É TÃO SIMPLES COMO PENSA

Quando você compra ou vende um carro particular, um aperto de mão e um recibo não significa que o negócio esteja completo.

Se você está a vender, será em seu favor certificar que o novo dono se registre propriamente no Ministério de Transportes e Comunicações.

Se ele não o fez, todas as multas de tráfico irão bater à sua porta. Se as ignorar, está sujeito a ser preso por não pagar as multas. Também poderá encontrar-se envolvido num processo cívico se o veículo tiver um acidente após a venda.

Se você é o comprador, será também em seu favor inscrever-se como o novo dono.

Ambos o comprador como vendedor devem visitar o Ministério de Transportes e Comunicações, o escritório que emite licenças, e lá transferir o direito de propriedade do carro.

Poderá obter o livrete "Bying or Selling a Car Privately" grátis em todos os escritórios do MTC ou pedir um por escrito ao Public Information Branch, Ministry of Transportation and Communications, 1201 Wilson Ave., Downsview, Ontario M3M 1J8.



James Snow,
Minister of Transportation
and Communications

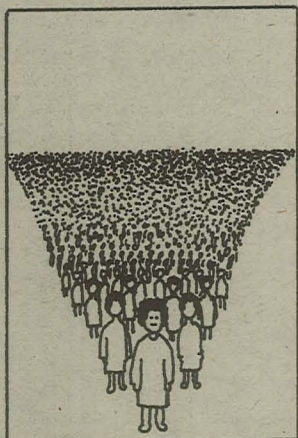
Ontario

PERGUNTAR NAO CUSTA

P- Sou viúva com dois filhos, tive um acidente e não posso fazer trabalhos pesados. Mas, não é por isso que lhe estou a escrever. Nas minhas condições gostaria de ganhar mais qualquer coisa. No outro dia uma amiga minha, que já não via há muito tempo, foi lá a casa e falou-me de um negócio em que está envolvida, onde diz que ganhou muito dinheiro. Quando lhe perguntei do que se tratava disse-me que não me podia dizer, para isso precisava de ir a uma reunião numa 6a. Feira à noite e num Sábado. Como falo pouco inglês tenho receio de ir a uma reunião, além disso gostaria de saber um pouco mais do que se trata. A minha amiga diz que não tenho nada a perder. A Sra. faz uma ideia do que se trata?

R - Sim, parece-me que se trata de um plano de vendas em pirâmide. Chamam-se vendas em pirâmide porque realmente o que está em venda, nesses planos, não é o producto mas sim a representação de vendas. Geralmente estes planos são de grande benefício para os que começam. Se seis pessoas começarem um plano destes e cada uma destas pessoas por sua vez vender a outra seis pessoas em 9 meses teriam vendido representações a 10.077.696 pessoas mais do que o total da população de Ontário. Por isso as suas possibilidades de sucesso não dependem sómente das suas habilidades como vendedora mas sim da sorte, ou pouca sorte, de quando entra nesse plano. A Sra. tenha muito

cuidado com esse tipo de negócio porque desde que a Acta das Vendas em Pirâmide foi abulida esse tipo de negócio é ilegal, e qualquer pessoa que inverta fundos num programa destes não tem absolutamente protecção alguma da Lei. Embora este tipo de negócio seja ilegal ainda há muitos deles em operação, principalmente nas comunidades em que não se fala inglês, onde é difícil obterem-se informações detalhadas, e mais difícil ainda é controlar as actividades ilegais. A uni-



ca pessoa que geralmente aconselha nestes casos é a tal "amiga" cujo conselho, por motivos óbvios, (ou seja a capitalização à custa da amizade) pode deixar muito a desejar. Infelizmente também tenho receio em a aconselhar a que peça auxílio numa agência social, porque segundo me consta há vários colegas meus que embora trabalhem para a comunidade estão muito envolvidos em planos destes.

Essas reuniões de que a

sua amiga fala e que diz que não tem nada a perder em ir, são unicamente reuniões de oportunidade, onde se empregam todos os meios possíveis e imaginários para apanhar qualquer quantia monetária aos que a elas vão, e que, levados ou pela necessidade económica ou pela ganância se deixam levar pelas palavras dos oradores.

Como este tipo de actividade se tem expandido muito na nossa Comunidade e por isso me tem preocupado bastante, gostaria de escrever mais a fundo sobre isto, por isso no próximo mês publicarei a tradução dum folheto escrito pelo Ministério de "Consumer and Commercial Relations" de Ontário, sobre as vendas em pirâmide.

Perguntar não Custa
Escrito por Clara Nickel
Bloor Bathurst Information Centre
1006 Bathurst St.
Tel. 531-4613

ADVOGADO FYSHE

Cont. da página 6.
dá, que se souberam organizar e actuar duma maneira excelente. Eu fiquei realmente impressionado com eles, pela sua perseverança, pela sua habilidade organizativa, pela seriedade com que trataram de tudo. Houve dificuldades, mas foram vencidas. A decisão do LRB não foi unânime. O problema foi um de língua, de falta de experiência nestas coisas. A petição estava metade em Português metade em Inglês, não havia testemunhas para todas as assinaturas, muitas assinaturas com X. Mas nós argumentámos que era óbvio que as pessoas todas sabiam do que se tratava, que o seu interesse no caso era genuíno, que não havia interferência da companhia. Enfim, para mim foi um grande prazer trabalhar neste caso. Fiquei com um grande respeito por todos eles.

classificados

**WANTED
EXPERIENCED
ROOFER**
call 823-4105

ANDAR VAZIO VENDE-SE

St. António dos Cavaleiros,
arredores de Lisboa - 6 casas
assoadhadas, cave e 2 casas
de banho. Telefone ligado.
Transporte à porta e ligação
com o metro.

Uma boa oportunidade
de comprar um andar a
preço razoável.

Resposta a este jornal.

PRECISA-SE TRABALHADOR DE CONSTRUÇÃO

Para trabalhar fora com
uma maquina "fork lift"
Para mais informações
chamar depois das 6 para
651-9249

ATENÇÃO

O Comunidade está interessado em falar com qualquer pessoa que tenha informações sobre a caça a baleia nos Açores, passada e presente, para um artigo que estamos a preparar.

Antigos baleeiros, familiares, amigos, seja quem for que tenha recordações, histórias, fotografias, etc. sobre este assunto, por favor contactem.

Fernanda Gaspar
Comunidade
625 Dufferin St.
Toronto
532-6067

COMUNIDADE O VOSSO JORNAL

Cloverhill Welding Co.

TRATAMOS

de qualquer género de trabalho de soldadura como MÁQUINAS DE AQUECIMENTO, FORNOS DE PADARIAS, GRADEAMENTOS, DUMP TRUCKS, ETC.

Trabalho garantido e a baixos preços. Se está interessado telefone depois das quatro 252-4880. Ze Carlos

A MAIOR SELEÇÃO DE CARROS FORD

e as maiores facilidades de pagamento, além dos preços sem concorrência



665 BAY STREET (NORTE DE DUNDAS)
(OS MAIORES VENDEDORES FORD)
(TAMBÉM ALUGAMOS)

COM MAIS DE 500 AUTOMÓVEIS,
FORGONETAS E CAMIÕES NOVOS E USADOS
À VENDA ATRAVÉS DOS SEUS
REPRESENTANTES.

JOHN FERREIRA

JOE DA COSTA

ELGIN MOTORS CO. LTD.

O nosso horário:
das 9 às 9 da noite
todos os dias,
à Sexta Feirá e
Sábado, até às 6 da
tarde.

597-1300



Ponto De Encontro

O Comunidade é lido em muitas comunidades portuguesas no Canadá inteiro e temos recebido sugestões de que muitos leitores se encontram em situações relativamente isoladas que dificultam os contactos pessoais necessários para fazer amizades. Assim, iniciamos hoje este "Ponto de Encontro" para onde os leitores podem escrever em busca de amizade e talvez amor.

Os interessados devem escrever a

Ponto de Encontro
Comunidade
625 Dufferin St.
Toronto

dando as informações precisas acerca de si e da pessoa que procura para correspondente. Apenas cartas contendo nome completo, morada e número de telefone, se o houver, serão consideradas pelo Comunidade que as arquivará. No entanto, nomes e moradas não serão publicados, o Comunidade dará a cada caso um certo nome para a resposta, também a cargo do Comunidade se preferirem. O primeiro contacto será assim através do jornal mas depois os interessados corresponder-se-ão directamente. TODAS AS CARTAS SERÃO TRATADAS COM O MAIOR RESPEITO E CONFIDENCIALIDADE.

Aqui estão dois contactos.

Desejo corresponder-me com pessoas portuguesa dos 28 aos 33 anos, com alguma formação cultural e moral, para troca de amizade sincera.

RESPOSTA A:

Paula
Box 1323, Station B
Downsview M3H 5W3

★★★★★

Desejo corresponder-me com pessoas entre 20 e 30 anos para troca de amizade, respeito e talvez amor. Tenho pouca cultura mas sou honesto e sincero.

RESPOSTA A:

António Carlos (Tony)
c/o Ponto de Encontro
625 Dufferin St.
Toronto,
Ontario, M6K 2B2



**PRINTERS
AND
PUBLISHERS INC.**

625 Dufferin Street, Toronto, Ontario M6K 2B2
Telephone (416) 532-6067

COMUNIDADE

EDITORIAL

The commemorations of the day of Portugal, Camoens and the Portuguese Communities, becomes more meaningful every year. (This year, the raising of the colours at City Hall, for instance, when the voices spontaneously following the music of the Portuguese anthem, had such simple and direct dignity, that felt immensely good). And so it should be. They serve to measure what is being accomplished as a relay baton passing from hand to hand toward the goal. They serve to understand better and maintain alive the link between what we are now and what we came from. Because without healthy roots there is no fruit.

However, while the fruit may come from atlantic roots they feed and grow on nordic soil.

It is here and now we are living, finding our way, struggling to leave an imprint commensurate with our contributions. It is what we are, here and now, that we must also celebrate.

Camoens, yes. Because the splendour of his voice and the richness of his humanism will always make for a better life. But Camoens only and "ad nauseam" — no. But to continue equating us with patriotism and "saudosismo" — no.

It is understandable that Portugal would spend millions inundating her children all over the world with posters, papers, visits, prizes and fireworks promoting love for the motherland — for each escudo spent many needed dollars, francs or marcs are received. But Portugal's problems are for the Portuguese to look squarely at and resolve by themselves. Similarly, her laurels are best bestowed on those who stuck to her to finally witness change. Our laurels can only be won here, among ourselves and all the other groups who are our friends of struggle and reward. Let us commemorate where and what we came from because understanding and respect for others' heritages grow with understanding and respect for our own. In a world increasingly smaller that is important. But let's use commemorations to look ahead, not back.

Our language as it is today was born with Camoens... but didn't die with him. There are today poets as great who speak more relevantly of the aspirations and glories of the contemporary portuguese. From coast to coast in Canada, for each "Lusíada" there is a "Canaguês" and their daily lives have nothing to do with the raise and fall of colonial empires or the living in a "garden planted by the sea"...

For them Camoens, Portugal, Azores... "Lusitanidade" (whatever it may be) are means, no longer ends. Here, we are not "working guests" whose lives are suspended until they go back home, as it happens in other countries. We are settlers, with labels that say "permanent". The commemorations must reflect this reality and discard concepts already stale in Portugal, let alone here.

NEW ALTERNATIVE SCHOOL FOR TORONTO

In the last few years more attention has been focused on the number of students who leave secondary schools without gaining their Ontario Secondary School Graduation Diploma. The Toronto Board of Education has undertaken research to determine the reasons for the "staggering" number of drop-outs.

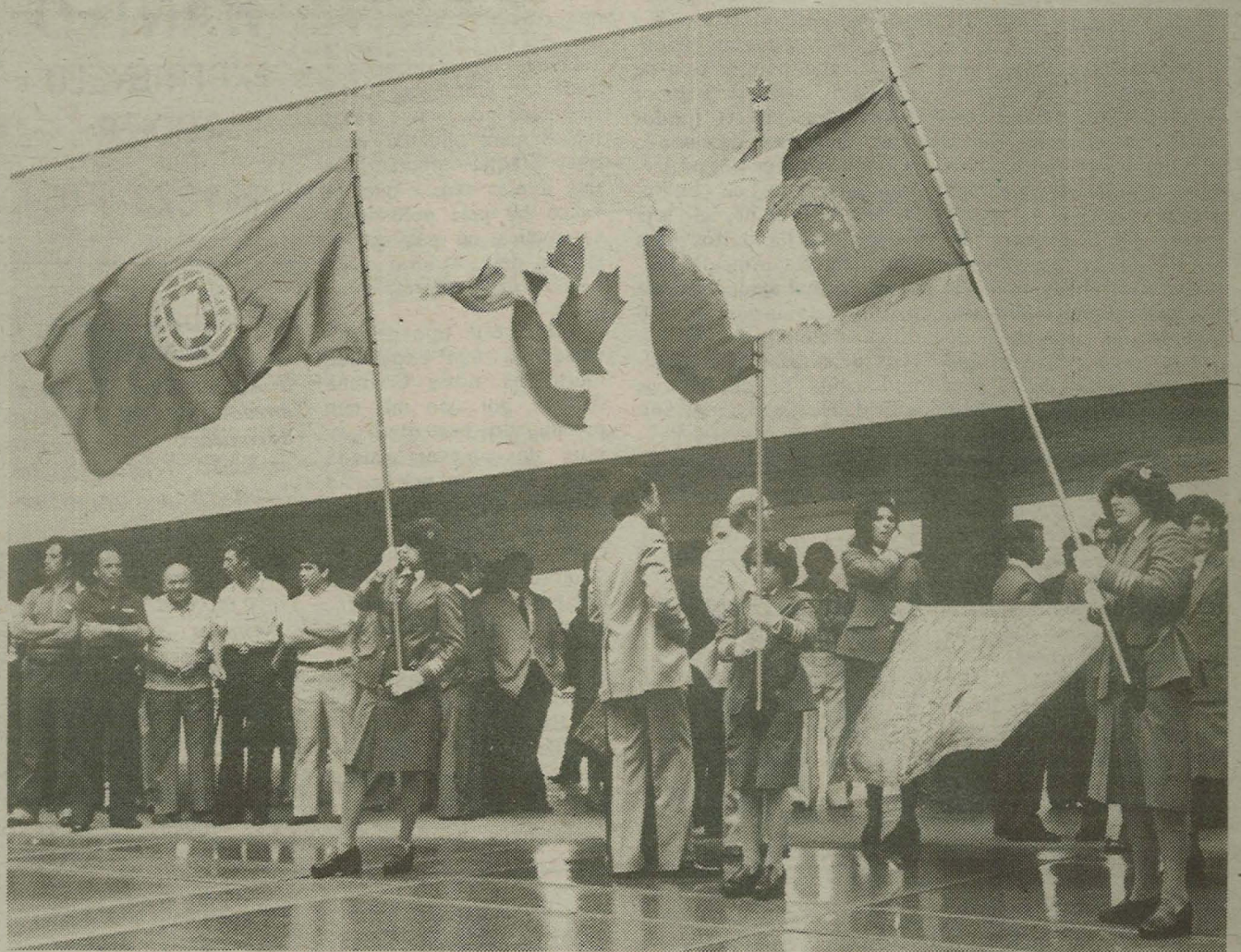
According to the Board's study, Patterns of Dropping Out, the majority (53 per cent) of drop-outs are leaving the system to get jobs. However, a large number of these people are unable to find employment or, even if they do, recognize that sooner or later they will probably have to return to school in order to get better paying and/or more satisfying jobs.

A small percentage of this number do actually return, either to a regular secondary school or to one of the alternative high schools. However, the vast

majority do not return to high school, even though they express a desire to do so.

In January 1979 a small group of educators submitted a proposal for a school to meet the needs of these drop-outs to the Toronto Board of Education. The school is designed for people 16 years and over who have been out of school but who now wish to return. It will provide an academic programme along with the opportunity for related work experience. The students will be actively involved in making all decisions about the programme.

The Toronto Board has approved the programme "in principle" with a scheduled starting date of September, 1979. If you would like to know more about this programme, contact Ken (469-4580) or John (466-2877) during the evening.



A scene from the Portugal Day celebrations at City Hall.

MOVIMENTO COMUNITÁRIO PORTUGUES

PRESS RELEASE

We, as members of the Toronto Portuguese Community, are very concerned that there has been so much violence on the part of the police in the performance of their duties this past year. The latest incident, that of June 11th, when Mr. Torcato was shot in his house on Palmerston Avenue by a police officer follows several similar fatal incidents in Metro Toronto.

Actions like these will necessarily lead the public to see the Metro Police as a kind of death squad, which is the way the police operate in some military regimes today. We believe that in a case like Torcato's, where the man shot by the police was emotionally disturbed, other means than direct confrontation and shooting could have been used to control his behaviour. We hope there will be a full and independent inquiry into this incident. We ask for an assurance from the Attorney General of the Province and the Chairman of the Board of the Metropolitan Toronto Police that every possible precaution will be taken to avoid violence like this in the future.

Brenda Duncombe — COMMUNITY WORKER
Cesar Cordeiro — M.D.
Fernando D. Costa — BARRISTER AND SOLICITOR
Tomas Ferreira — M.D.
Fernanda Gaspar — HUMAN RIGHTS OFFICER,
EDITOR OF "COMUNIDADE"
John Medeiros — PORTUGUESE COMMUNITY
MOVEMENT, PRESIDENT
A. Ali Najari — M.D.

For more information please call JOHN MEDEIROS at 536-1166.

1 DIA UM DIA U

Cont. da página 3.
eu caminhava em direcção à saída da igreja, eu acompanhava com os olhos, a imagem do Senhor que se distanciava; e o imaginava, de longe, não como ali estava —

pungente, triste, sofrendo... mas um Cristo ativo, benevolente, companheiro.

Bem, de volta à agitação da cidade, eu ainda balbuciava algumas palavras como se o Cristo lá dentro da Igreja ainda pudesse me ouvir. Mas deixo p'ra lá. Sei que Cristo sabe muito a meu respeito, mais do que eu mesmo. E acho também que depois desse encontro Ele deve ter tido uma grande simpatia por mim. Pelo menos é o que eu penso.

Já se faz tarde e acho que é hora de voltar para casa. A cidade hoje esta cansativa, talvez seja devido ao clima glacial e cinzento que esta fazendo. Muito embora se notarmos as pessoas, elas não parecem perceber isso...

Dirijo meus passos em direcção ao ponto de onibus mais próximo, já fazendo planos de procurar um assento bem afastado, no fundo do onibus, esperando poder ficar só, sem a companhia de alguém semelhante aquele velhote. Felizmente, quando o onibus chegou, abrindo as portas para mim, eu pude notar um banco no canto, isolado. Uma vez sentado ali, não demorei muito a pegar no sono, só acordando mais tarde quando o cobrador bateu no meu ombro dizendo que havia chegado ao ponto final da linha. Dali até à minha casa eu não levo mais que cinco minutos, andando. Acelero meu passo na esperança de poder desfrutar a paz que meu quarto — meu universo particular — me oferece. Mas hoje não há paz no meu quarto porque mal abro a porta, noto Luis, meu primo, sentado na minha cama lendo um dos meus livros. É a julgar pela quantidade de cinzas de cigarro no chão, percebe-se que ele tinha estado ali por um longo tempo, à minha espera. Na esperança de que ele vá embora logo, vou perguntando o motivo da presença dele ali. Ele me diz que tinha vindo pedir-me a minha máquina de escrever por uns momentos. Luis sabe perfeitamente o ciúme que tenho da minha máquina de escrever. E eu já o fiz perceber que não gosto de estar a emprestar a ninguém, mas ele não quer saber disso. Luis é o tipo do primo chato. É orgulhoso, falso moralista e, o pior, frustrado.

— "É, sou assim e ninguém vai-me mudar." — Diz ele.
— "Ninguém..."
— "Ninguém mesmo. Sou assim e ninguém vai colocar coisas na minha cabeça".
— "E Regina?..." (Regina é a garota que ele gosta).
— "Ah... Bem... quero dizer... Regina?... Ai é diferente, né?"
— "Diferente como?" Acrescentei. "Regina tem um olho no meio da testa? Voa? Prediz o futuro? Lê sorte? É a identidade secreta de BatGirl? Hein? hein?..."
— "Não... mas..."
— "Já sei. Regina tem um... desse tamanho". E faço um gesto obscuro.

Isso enlouquece Luis que não admite ninguém dizer qualquer ofensa a respeito da Regina, e me atira o livro que ele estava lendo. Fecha o tempo. Eu revido com meu dicionário de Inglês a grossura de uma lista telefônica, e o acerto bem no meio da testa. Luis sai correndo p'ra sala de casa, e eu sorrio pensando que a paz voltou a reinar dentro do meu quarto, quando ele voltou puxando minha mãe pelo braço:

— "Foi ele tia. Atirou o livro em mim e xingou Regina, e..."

E foi assim que Luis irritado e mal-humorado roubou a paz do meu quarto fazendo-me crer que eu estaria melhor no centro da cidade com toda aquela agitação e barulheira.